

# A ORDEM VARIÁVEL DO ADJETIVO NO SN: UMA QUESTÃO SEMÂNTICO-DISCURSIVA

---

Ademar da Silva (UFSCar)

**Resumo:** Neste trabalho, analisamos a ocorrência de adjetivos em posição atributiva em textos literários para identificar o que determinaria o uso de Adj+N ou N+Adj. Somente as categorias sintático-semânticas não explicam tal variação. Os dados demonstram que a posição pós-nominal - típica do adjetivo em português - é relativa. Dependendo do contexto discursivo, pode perder espaço para as anteposições. Nos textos literários do *período romântico*, prevalecem as anteposições, destacando-se os *avaliativos antepostos*; nos do *período pré-moderno, moderno e pós-moderno*, prevalecem as posposições, com destaque para os *avaliativos pospostos*. Essa variação está vinculada à classe do adjetivo, ao tipo de discurso no qual se insere e ao efeito de sentido pretendido pelo autor.

**Palavras-chave:** adjetivo anteposto, posposto, avaliativo, determinativo, classificador

**Abstract:** In this paper we observe the occurrence of attributive adjectives in brazilian literary texts in order to identify what determines the use of Adj+N or N+Adj. Syntactic-semantic categories alone do not explain such variation. The data show that the post-nominal position, which is typical of the adjective in portuguese, is relative. Depending on the discursive context, the ante-position can take advantage. In literary texts of the romantic period, prevail the ante-positions; in those of the pre-modern, modern and post-modern period, prevail the post-position. This variation is related to the class of the adjective, to the discourse type in which it is inserted, and to sense effect conveyed by the author.

**Key-words:** ante/post-position, evaluating, determining, classifying adjective

## 1 - INTRODUÇÃO

As estruturas sintagmáticas N+Adj e Adj+N – *mulher bonita e bonita mulher* – existem desde os primórdios da língua portuguesa. Ao longo das transformações sofridas por essa língua, uma estrutura tem sempre sobrepujado a outra em números de ocorrência, prevalecendo, no século XX, a posposição do adjetivo (cf. COHEN, 1979).

Gramáticos e lingüistas têm tentado encontrar uma explicação para tal fato. Segundo Howkins (1982), na perspectiva tipológica da *Harmonia Transcategorial*, uma língua que possui operadores verbais dos dois lados deve ter, no sintagma nominal, operadores pré e pós-nome: Adj+N é harmônico com Suj+V e N+Adj com V+Obj.

Para Kato (1988), o fato de o português admitir construções com verbos impessoais e com sujeito posposto demonstra a maior produtividade da posição pós-verbal preenchida por operadores do que a pré-verbal. Conseqüentemente, a posição pós-nominal é também mais produtiva, o que explica o maior número de adjetivos nela. Os poucos adjetivos que ocupam a posição pré-nominal são do tipo atitudinal, codificando uma opinião do falante.

Uma explicação para a questão do falante talvez esteja na liberdade de colocação dos constituintes na sentença do Latim Clássico, explicitada por Câmara Jr. (1979). Para ele, implicitamente dois fatores regiam a colocação: um gramatical, fixo, e outro, livre, fazendo com que, na linguagem literária, por razões estilísticas, estruturas fixas fossem freqüentemente substituídas por colocações mais soltas.

Taralo (1994) utiliza-se desses motivos para explicar a anteposição do adjetivo no SN. Para ele, a posposição é a ordem mais comum (menos marcada), porque atende ao princípio funcional do sistema, ou seja, o máximo valor informativo deve estar no fim dos predicados (núcleos) nominais e/ou verbais. Daí, a

maior produtividade da ordem N+Adj (*momento agradável*). Sem essa carga informativa e descritiva (denotativa), a anteposição caracteriza-se como um típico recurso estilístico (conotativo), que a torna posição mais marcada. Por isso, segundo Neves (2000, p.201), esta posição “é bastante ocorrente nas obras literárias, já que dá grande efeito de sentido, especialmente o efeito de maior subjetividade”.

A subjetividade do discurso literário pode ser um elemento gerador de anteposições, mas não se deve ignorar as *categorias sintático-semânticas dos adjetivos* como fatores determinantes na escolha de uma certa posição. Como, muitas vezes, uma categoria isolada não explica a posição escolhida, achamos que o *contexto discursivo da enunciação* tem um papel atuante nesse processo, ou seja, a articulação entre ele e as classes adjetivais deve também fixar uso do adjetivo no sintagma.

Neste trabalho, com base em uma proposta de categorização para os adjetivos em posição atributiva por nós formulada<sup>1</sup>, analisamos sua ocorrência em textos literários para identificar o que determinaria o uso das estruturas: Adj+N ou N+Adj.

## 2 - CLASSIFICAÇÃO DO ADJETIVO ATRIBUTIVO NO PORTUGUÊS

Para Borba (1996) e Neves (2000), o adjetivo, no português, pode ser *qualificador* e *classificador*. Os *qualificadores* atribuem ao nome uma determinada propriedade ou qualificação dependente de julgamento pessoal (subjetiva). As relações mantidas com o nome são internas, pois se incorporam de forma accidental ou inerente à natureza do nome, como um traço dele. Adotamos essa classe para compor nossa categorização. Toda-

<sup>1</sup> Essa proposta, resultado do projeto *A correlação entre a expressão do adjetivo no grupo nominal do inglês e do português*, teve a colaboração de Albano Dalla Pria (bolsista FAPESP), aluno de Letras/UNESP/Ar.

via, considerando a subjetividade implícita na avaliação pessoal, resolvemos chamá-la de avaliativos.

Esse tipo de adjetivo depende de julgamento subjetivo e, conseqüentemente, tem a ver com o falante e contexto discursivo. Pode ocorrer *posposto* ou *anteposto*. O *Avaliativo posposto* expressa propriedade que, no contexto, tem função descritiva. Pode modificar a intensão e a extensão<sup>2</sup> do nome:

E em muitas e muitas outras vezes, voltei com a certeza de que era apenas mais um homem em sua vida, o *amante favorito* do momento (A 46/52)<sup>3</sup>.

O *Avaliativo anteposto* torna-se uma propriedade inerente ao nome que passa a ser designado por ela:

Uma sensação de pesar apoderou-se dele ao pensar na profanação que sofreria seu *belo rosto* pintado na tela (B 119/128).

Aplica-se à intensão do nome e, diferentemente do *classificador*, não determina subclasse do conjunto designado pelo nome.

Segundo Borba (1996), os *classificadores* não expressam propriedade, são definitórios e colocam o substantivo numa subclasse objetivamente. Neves (2000) considera-os *denominativos* e não *predicativos*, porque denominam uma subclasse e aparecem normalmente pospostos. Ao contrário dos predicativos, são de caráter não-vago e, em geral, correspondem a *de + nome*, tendo, portanto, a mesma distribuição, no texto, que estas locuções: *carne bovina* (de boi), *política nacional* (da nação).

<sup>2</sup> A *extensão* de um nome diz respeito à sua classe correspondente, ou seja, ao conjunto de seres ou objetos nomeados por ele e *intensão*, à sua propriedade. Na frase *Henry é um estudante esperto*, o adjetivo *esperto* é *intensional* porque predica *estudante*, que é a classe *extensional* de *Henry*.

<sup>3</sup> Todos os exemplos desta sessão foram extraídos do corpus do projeto de pesquisa citado.

Dessa forma, o *Classificador*, que ocorre sempre posposto, apenas relaciona entidades, classificando-as. Modifica a extensão do nome e coloca-o numa subclasse objetivamente, sendo por isso definitório. Divide-se em dois grupos: *argumental* e *não-argumental*:

Uma grande porcentagem... está centralizada em duas regiões especialmente sensíveis ao *dano ambiental* (G 7).

Naturalmente, *mudanças políticas* não são nenhuma novidade (I 7).

No primeiro exemplo, *ambiental* expressa o que seria o complemento do nome, ou seja, nele está subjacente a interpretação: *dano do ambiente*, por isso é interpretativamente argumental. No outro exemplo: *política* apenas classifica sem possuir interpretação argumental.

Apesar de as gramáticas definirem apenas duas subclasses adjetivais para o português, é possível, como em inglês, inferir uma terceira. Para Teyssier (1968), o fato de o adjetivo em inglês ser um elemento intermediário entre o nome e o determinante [Det+Adj+Nome] e assemelhar-se, funcionalmente, ao determinante (função definidora de ordem sintática) e, semanticamente, ao nome levou-o a sugerir a categorização: *caracterizador*, *classificador* e *identificador*. Veja-se o exemplo:

Determinante	Identificador	Caracterizador	Classificador	Nome
<i>The</i>	<i>Same</i>	<i>Intelligent</i>	<i>German</i>	<i>Person</i>

Os *caracterizadores* descrevem o nome, sem defini-lo ou categorizá-lo, implicando às vezes alguma qualificação relativa ou de intensificação. Apontam para qualidades acidentais, não-inerentes, mutáveis: *the same intelligent German person*. Os *classificadores* apontam para uma qualidade permanente ou ine-

rente: *the same German person*. Já os *identificadores* são adjetivos que esvaziados de valor descritivo (*same, last*) aproximam-se dos determinantes definidos (*the, his*), apontando para um objeto e excluindo outros quando seu conteúdo implica uma referência contrastiva: *the same person*.

Os *caracterizadores* e *classificadores* assemelham-se aos *avaliativos* e *classificadores* do português. A essas duas classes semânticas acrescentaremos uma terceira: os *determinativos* que, além dos *identificadores* de Teyssier (1968), têm muito a ver com os *determinativos* da gramática tradicional. Na categorização semântica dessa gramática, além dos adjetivos *qualificativos*, havia os *determinativos* que, antepostos, limitavam a extensão dos substantivos. (cf. BUENO, 1958, e GÓIS, 1958).

O mesmo se aplica aos *quantificadores* de Nunes (1997). Considerando as diferenças semânticas expressas pela posição do adjetivo, a autora subcategorizou os adjetivos antepostos em: *intensificadores* e *quantificadores*. Os primeiros têm o sentido que o léxico lhes atribui, na posposição ou na anteposição ao nome, porém, na anteposição, “intensificam, aumentam o tamanho do nome ou a qualidade do nome” (p. 154): *alto custo de vida*. Os segundos expressam quantidade e são adjetivos como: *último, diferente, único, diversas, próximo, respectivos, dada, inúmeras, sucessivas, seguinte, variada*.

Em suma, o *Determinativo* é o adjetivo que se antepõe ao nome delimitando sua extensão. Assim como os *determinativos* da gramática tradicional, esse grupo inclui tanto os que quantificam como os que determinam o nome. São exclusivamente antepostos:

Quando a instalação estiver pronta, retire o *último disco* de seu computador e reinicie o Windows 3.1 (K 46/9).

(...), mas tão somente que se trata de um recurso pedagógico para permitir ao aluno conceber mentalmente a significação de uma *determinada estrutura* e de *certas palavras* oferecendo-lhe prática pela repetição (D 12/28).

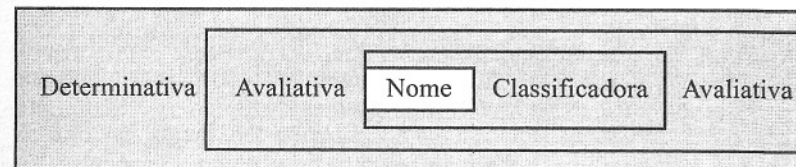
Note-se, nos exemplos acima, a função delimitadora dos adjetivos. Enquanto *último* expressa quantificação, *determinadas* e *certas*, determinação. Salientamos que a mudança de posição de um *determinativo* implica mudança de categoria e conseqüentemente de significado:

Tanto a manifestação do sistema lingüístico como forma e sua realização como uso tem significado, mas esse significado é de *natureza diversa* em cada caso (D 19/36).

Era antiquado (...), mas seu coração estava no *lugar certo* (J 22/3).

Em *natureza diversa*, o adjetivo *diversa* é avaliativo e significa “*diferente, distinta*”. Se estivesse anteposto, expressaria multiplicidade e seria classificado como *determinativo*. *Certo*, posposto, é um *avaliativo*. Se estivesse anteposto, seria *determinativo*.

É possível inferir que as três subcategorias: *determinativo, avaliativo* e *classificador*, em português, podem, como em inglês, preencher três zonas de modificação adjetival, em relação ao núcleo nominal, que são as zonas “*determinativa*”, “*avaliativa*” e “*classificadora*”:



Por analogia ao inglês (cf. TEYSSIER, 1968, e KEMMERER, 2000), em português, os *classificadores*, sempre pospostos, tendem a permanecer mais próximos do nome (*garotas francesas*). O *avaliativo* posposto (*garotas francesas belas*) fica mais distante do nome, depois do *classificador*. Quando anteposto, o *avaliativo* fica antes do nome em relação ao *determinativo* (*as últimas belas garotas francesas*). Já os *determinativos* ficam mais próximos do determinante (*as últimas garotas francesas belas*).



Excetuando-se os *determinativos* que permanecem sempre antepostos ao nome e os *classificadores*, pospostos, a questão da flexibilidade de movimentação dos adjetivos no sintagma em português fica por conta dos *avaliativos*: antepostos e/ou pospostos.

A explicação para essa movimentação, na maioria das vezes, recai sobre o discurso literário, ou seja, a subjetividade desse tipo de discurso desencadearia mais ocorrências de anteposições. Com o objetivo de verificar até que ponto essa explicação procede, fomos aos textos literários para ver como as categorias: *avaliativo*, *classificador* e *determinativo* interagem, quantitativa e qualitativamente, nesse contexto, que configura um estudo textual e discursivo do adjetivo no português escrito brasileiro.

### 3 – ANÁLISE

O corpus foi formado por 16 obras em prosa dos períodos: *romântico*, *realista-naturalista*, *pré-modernista*, *modernista* e *pós-modernista*, a saber:

*Período romântico*: (A) Macedo, Joaquim M. de - *A luneta mágica*. São Paulo: Ática, 1971, p. 9-21; (B) Alencar, José de - *Senhora*, São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 91-102; (C) Guimarães, Bernardo - *O Seminarista*. São Paulo: Tecnoprint, 1959, p. 58-75. *Período realista-naturalista*: (D) Assis, Machado de - *Helena*, São Paulo: Saraiva, 1977, p. 56-67; e (E) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, São Paulo: Abril Cultural, 1971, p. 118-29; (F) Azevedo, Aluísio - *O cortiço*, São Paulo: Objetivo - CERED, 1994, p. 120-29. *Período pré-modernista*: (G) Barreto, Lima - *O triste fim de Policarpo Quaresma*, São Paulo: Objetivo - Sol Editora, 1994, p. 78-89. *Período modernista e pós-modernista*: (H) Andrade, Mário - *Macunaima*, Belo Horizonte: Vila Rica Editora, 1997, p. 81-93; (I) Machado, Dyonelio - *Os ratos*, Porto Alegre: Bels, 1974, p. 4-19; (J) Ramos, Graciliano - *São Bernardo*, São Paulo: Record, 1979, p. 133-47; (L) Rosa, João Guimarães - *O burrinho pedrês*,

Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 3-17; (M) Lispector, Clarice - *Uma aprendizagem, ou o livro dos prazeres*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 19-31; (N) Nassar, Raduan - *Lavoura Arcaica*, São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 94-105; (O) Telles, Lygia Fagundes - *As meninas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 71-83.

Após escolha aleatória de 12 a 15 páginas de cada texto, foram quantificadas as *anteposições* e *posposições* nos sintagmas com apenas um adjetivo. Veja-se o quadro abaixo:

ESTRUTURAS	nº de SNs
Adj. + N (Anteposições)	422 (33,5%)
N + Adj. (Posposições)	838 (66,5%)
Total de SNs	1260

De 1260 sintagmas, 838 apresentaram casos de adjetivos pospostos e 422, antepostos<sup>4</sup>. 66,5% casos de posposição confirmam que esta é a colocação predominante do adjetivo no português (cf. COHEN, 1979). No entanto, 33,5% de anteposições são um fato que não se pode ignorar. Deve haver algo que motive a escolha de uma posição e não de outra, ou seja, elementos desencadeadores não explicitados pelas categorizações semânticas. Para explicar tal fato, contamos as ocorrências dos adjetivos *avaliativos*, *classificadores* e *determinativos* em cada período literário, expostas no quadro abaixo.

Posição	Categ.	A	B	C	Romântico	D	E	F	Real-Nat.	G	Pré-Mod.
Ant.	Av.	36	40	66	142(40,8 %)	21	34	44	99(35,2%)	34	31,0 %
	Det.	5	8	8	21(6,0 %)	9	9	3	21(7,5 %)	7	6,3 %
Posp.	Av.	34	32	61	127(36,5 %)	27	51	52	130(46,3 %)	54	49,1 %
	Class.	19	19	20	58(16,7 %)	9	20	2	31(11,0 %)	15	13,6 %
Total					348				281		110

<sup>4</sup> Adjetivos no superlativo, sempre antepostos, não foram quantificados.

Se olharmos apenas para os números dos textos (A), (B) e (C) do período romântico, veremos que o número de anteposições (46,8%) se aproxima do número de posposições (53,2%). Se, desses totais, não considerarmos os *determinativos* e os *classificadores*, que são obrigatoriamente antepostos e pospostos, a porcentagem de *avaliativos antepostos* é um pouco maior (40,8%) que a dos *pospostos* (36,5%).

Dessa perspectiva, é possível inferir que o contexto discursivo romântico parece favorecer as ocorrências de anteposições. Por outro lado, a preferência por essa ordem pode estar relacionada, talvez, ao modo como esses romances eram concebidos. Apesar de retratar fielmente os costumes morais e políticos do país, valorizando o que era nosso, o movimento romântico brasileiro ainda mantinha a imaginação, o sentimentalismo e o formalismo estético romântico português.

Indo mais adiante na observação do quadro, é possível notar que, a partir do período realista-naturalista – textos (D), (E) e (F) –, as anteposições passam a sofrer uma leve queda. Apesar de a diferença entre uma posição e outra não ser muito grande, os 11,1% mais de posposições revelam a formação de uma tendência.

No realismo-naturalismo, o sonho e a fantasia do romantismo são banidos e substituídos por uma literatura voltada à descrição real do cotidiano e das grandes leis da vida. *Memórias Póstumas de Bras Cubas*, texto (E), de Machado de Assis, é o marco inicial desse movimento no Brasil e o ligeiro aumento de posposições (51 ocorrências para 34) revela as mudanças lingüísticas que estariam a caminho. Abandonando o formalismo romântico, que ainda persiste em *Helena*, texto (D), o autor aponta, numa prosa informal e solta, para uma nova forma de expressar a relação do homem com o outro e consigo mesmo.

O ideário estético dos realista-naturalistas também serviu de base para os pré-modernistas. Em (G), *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, romance pertencente a

esse movimento, tem-se quase a mesma quantidade de posposições e anteposições (54 e 34) que em *Memórias Póstumas* (51 e 34), de Machado (E). Deixando de lado o modo artificial e erudito de escrever dominante em seu tempo, Lima Barreto, para registrar com minúcia alguns aspectos da vida social e política do Rio de Janeiro, adota a informalidade estilística própria do jornalismo e da fala cotidiana.

A tendência assinalada no período realista-naturalista revela-se completamente no modernismo e pós-modernismo. Nestes períodos, o número de anteposições sofre uma queda vertiginosa. Veja-se o quadro:

Posição	Categ.	H	I	J	L	M	N	O	Mod./Pós-Mod.
Ant.	Av.	3	10	18	12	15	15	14	79 (15,2%)
	Det.	1	5	1	5	2	2	2	19 (3,6%)
Posp.	Av.	25	49	82	64	64	64	49	368 (70,6%)
	Class.	9	2	18	5	5	3	7	55 (10,6%)
<b>Total</b>									<b>521</b>

O ideal estético preconizado pelo pré-modernismo tem seu ápice no modernismo e pós-modernismo. A apropriação da frase solta do jornalismo e da linguagem oral urbana e interiorana tornou os textos mais diretos, isentos da erudição e do artificialismo presentes nas ficções anteriores. É possível afirmar que isso contribuiu para a redução drástica do número de anteposições. Nesse período tem-se uma média de (15,2%) de anteposições para (70,6%) de posposições (textos H a O).

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos analisados demonstram que a posposição é a colocação predominante do adjetivo no português (66,5%). No en-

tanto, a interação entre uma categorização sintático-semântica e os discursos dos diferentes períodos literários destaca variações quantitativas e qualitativas: (a) nos textos literários do *período romântico*, prevalecem as anteposições (46,8%), destacando-se os *avaliativos antepostos* (40,8%); (b) nos do *período realista-naturalista*, prevalecem as posposições (57,3%), destacando os *avaliativos pospostos* (46,3%); (c) nos do *período pré-moderno* prevalecem as posposições (62,7%), com destaque para os *avaliativos pospostos* (49,1%); (d) nos do *período moderno e pós-moderno*, prevalecem as posposições (81,2%), com destaque para os *avaliativos pospostos* (70,6%). Esses dados por si só revelam a ineficácia de se recorrer apenas à subjetividade do discurso literário para explicar as ocorrências de anteposições.

Demonstram também que a posição pós-nominal – típica do adjetivo no português escrito brasileiro – é relativa ao tipo de discurso. Dependendo do contexto discursivo, pode perder espaço para as anteposições. Portanto, qualquer variação está vinculada à classe do adjetivo, ao tipo de discurso no qual se insere e ao efeito de sentido pretendido pelo autor. Tais fatores, no momento da enunciação, vão definir a escolha do valor expresso pelo adjetivo. Em suma, é a articulação entre discurso e características sintático-semânticas do adjetivo que predetermina o seu uso no sintagma.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, Francisco da Silva. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

- COHEN, Maria Antonieta. O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português. *Centro de estudos portugueses da Faculdade de Letras da UFMG*. 12, 1979, p. 58-62.
- GÓIS, Carlos. *Sintaxe de construção*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958.
- HOWKINS, J. A. Cross-category, X-bar and the predications of markedness. *Journal of linguistics*, v. 18, p. 1-35, 1982.
- KATO, Mary A. A seqüência Adj + N em português e o princípio da harmonia transcategorial. *Letras & Letras*. 4 (1-2), 1988, p. 205-13.
- KEMMERER, D. Selective impairment of knowledge underlying prenominal adjective order: evidence for the autonomy of grammatical semantics. *Journal of neurolinguistics*, 13, 2000, p. 57-82.
- NEVES, M<sup>a</sup> Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EdUNESP, 2000.
- NUNES, Gelza M. A anteposição dos adjetivos ao nome dentro do sintagma nominal. *XXVI anais de seminários do GEL*. Campinas-SP: Unicamp, 1997, p. 151-6.
- TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.
- TEYSSIER, Jacques. Notes on the syntax of the adjective in modern English. *Lingua*, 20, 3, 1968, p. 225-49.